

Um encontro com as crianças: o que elas nos dizem sobre o que é arte

Rosvita Kolb Bernardes¹
Ana Cristina C. Pereira²

Este texto é uma reflexão sobre uma experiência vivida por nós professoras em diálogo sobre Arte com um grupo de crianças de 6 a 8 anos de idade de uma escola pública em Belo Horizonte. Temos como intenção dar visibilidade a um processo de experiências estéticas em que as crianças foram protagonistas com modos específicos de significar sua leitura de si, do mundo e da Arte.

Caminhos, escolhas: um convite

A vida é feita de várias histórias, encontros, convites e desafios. Ter recebido o convite para participar da escrita de um livro para crianças encheu o nosso coração de nós professoras da Escola de Belas Artes da UFMG.

Fomos convidadas para participar da escrita de um livro que faz parte de uma coleção infantil lançada pela editora universitária. Os livros da coleção *Universidade das Crianças*, que inaugura o selo *Estraladabão* partem de perguntas

1 Doutora em Educação e professora do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. rosvitakolb@gmail.com.

2 Doutora em Estudos Linguísticos: Gesto e Cognição, e professora do Curso de Licenciatura em Dança da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. anacristina.cpereira@gmail.com.

feitas por crianças, a maioria delas de Belo Horizonte, mas também de outras cidades de Minas Gerais e até de Portugal. Mais de 5 mil perguntas (5.863) estavam armazenadas no banco de dados do projeto *Universidade das Crianças*. A partir desse acervo, nós professoras de arte escolhemos uma das poucas perguntas sobre Arte, para não dizer a única: *Para que serve a Arte?* Ficamos por algum tempo tateando no escuro, pensando por onde seguir. O que responder. Como escrever. O convite nos chegou como um desafio, um desafio que nos fez pensar de que ponto de vista iríamos seguir para responder a pergunta.

Durante vários encontros ficamos pensando qual caminho seguir. O que escolher. O que dizer e o que escrever. Será que nós, adultos, seríamos os melhores protagonistas dessa narrativa? O que e quem escutar? Foi um tempo de ir e vir, pensar e repensar, buscar estratégias para tentar responder uma pergunta difícil para qualquer uma de nós. Era um momento de espera.

Inspiradas, resolvemos caminhar pela cidade na perspectiva de “Walkscape” de Francesco Careri (2013) que propõe o andar como um ato cognitivo e criativo capaz de transformar simbólica e fisicamente o espaço e criar paisagens. Deslocamo-nos pela cidade de Belo Horizonte, tomando um cafezinho ali, outro aqui, em busca de organizar as nossas ideias, pensamentos para o desafio que estava colocado para nós duas: uma escrita em parceria com as crianças. Se até esse momento ainda não sabíamos por onde seguir, uma coisa já estava clara para nós: que o fio condutor para a nossa escrita estava numa parceria com as crianças.

Mapeando as nossas escolhas

As caminhadas pela cidade, pelo campus da universidade, continuaram por algum tempo. Ora nos encontrávamos para almoçar, ora para ler algum texto, olhar os nossos desenhos ou fotografias. Mesmo sem ter ainda clareza por onde ir ou seguir na escrita, de qualquer forma nos agradava o encontro-caminhada. Apesar da angústia com os prazos da editora para a entrega da primeira versão da escrita, seguíamos, ainda, em um tempo no silêncio e vazio, com momentos de inquietude e muitas perguntas.



Espaço de ateliê:
Tem espaço de ateliê:
Redação e escoli
Espaço para
Projeto de extensão →
Preencha-se uma
formulagem - P projeto de
extensão: P projeto de
Ateliê II (Pesquisa,
conceitos:
O que é Ateliê

→ Falou de Ateliê:
→ (vale especial)
O que a arquitetura
de revelar?
Fazemos Uma obra de arte!
Pensar - p/ montar!
José: vídeo/governo/CS/República
(Deu voz ao professor)
Relatos do espaço com os
objetos!
Tapeçaria!
Tem uma área aqui que
eu sei o que é que é
entrada do dormitório feminino...
nada...? "Sombria" histórica...
felicidade...
Vanda deu - conta uma
história
Antigamente...
Pátio feminino...
masculino...
Na minha época os
antigamente era assim...

Fonte: Páginas do diário de bordo das autoras, 2018.

19/05/
→ Aula de hoje:
Conversa e falamos
falamos: }
→ Escreva pátio:
1-2, 3 anos:
↓
além a rede: + abeno!
A criança constrói
longitudinal:
longo e uma totalidade:
prática: Teorema:
logo e o invadido:
pelo aluno!
Compõe em expansão:
Processo de registro: Observação!
O que fazer com isto?
8 categorias corporais:

→ Desafio: Camarões:
gliter
Ballo! ai são os
materiais
↓
Quanto de [Ca]
1ª pintura?
2ª pintura?
(duz/ ca?)
→ Tecidos:
(material: dadas) →
Artificial/natural/
textil =
Disciplina:
Até do p/ jos:
Fazer: filhos:
foia:
Qual a experiência que
possibilita, a partir
destes materiais?
Existe um
potencial técnico...?
Exploração
matéria:
Apropriação
das
materiais:
As opções que
a artista faz:
Pensar: importante:
(Renata Felinto)
que

Fonte: Páginas do diário de bordo das autoras, 2018.

Nossas concepções e aproximações para a escolha da escola

Por fim, é preciso perguntar: o que as toca no encontro com arte? E o que toca o adulto no encontro com a arte? De que maneira podemos seguir viagem com as crianças, provocando encontros e experiências estéticas que mobilizam e fazem sentido para elas e para nós, adultos? De uma coisa já sabemos: é preciso estar do lado delas. (BERNARDES; PEREIRA, 2017, p. 06).

Como na epígrafe, muitas questões nortearam o nosso movimento de aproximação para a escolha da escola e das crianças. Optamos, no final da nossa caminhada, por uma escola pública na qual conhecíamos a professora³ de Arte, que se tornou assim também autora do livro. Em parceria com essa professora tivemos a oportunidade de ter contato com as crianças da faixa etária entre 6 a 8 anos. Elas foram instigadas a falar sobre Arte durante as aulas em um ambiente de ateliê compreendido como um lugar de experimentações, de pesquisas permanentes, um lugar de criação.

O que nos guiou como pano de fundo em todo o nosso processo de aproximação com as crianças é uma concepção, uma imagem específica de criança. Um entendimento em relação às crianças, que segundo Malaguzzi, forma uma espécie de “membrana teórica”. Essas concepções, imagens e ideias que temos das crianças é o que Loris Malaguzzi chama de “imagem de criança”.

Existem cem imagens diferentes de criança. Cada um de nós tem em seu interior uma imagem de criança que orienta sua relação com ela. Essa teoria, em nosso interior, nos leva a um comportamento de diferentes maneiras; nos orienta quando falamos com a criança, quando escutamos a criança, quando observamos a criança. É muito difícil para nós atuar de forma contrária a esta imagem interna. (MALAGUZZI, 1994 apud HOYUELOS, 2004, p. 54).

Movidas pela nossa imagem de uma criança competente, ativa, criativa e crítica, seguimos também com a imagem de uma criança-produtora apontada por Ostetto quando destaca que:

_____ [...] é preciso ver a criação e o criador envolvidos no processo. É necessário
3 Professora Eliette Aleixo.

reparar no ser poético de cada criança. Assim, então, poderemos contribuir para a ampliação das tão decantadas múltiplas linguagens ajudando meninos e meninas a darem forma/expressão aos seus sonhos e devaneios. Só a partir do reconhecimento da base poética e metafórica do pensamento da criança poderemos, partilhando experiências e conhecimentos, ajudá-las a seguir adiante em seus despropósitos. (OSTETTO, 2011, p. 55).

Inspiradas nas ideias de Ostetto sobre o reconhecimento poético e metafórico do pensamento das crianças, fomos em busca das crianças para ouvir o que elas tinham a nos dizer sobre a nossa pergunta desafiadora: *Para que serve a Arte?* Era preciso ouvir para poder seguir. Seguir pelas ideias para poder dar visibilidade para as crianças e para nós.

A partir das nossas experiências, que têm como cerne a *Pedagogia da Escuta* inspirada em Reggio Emília lembramos de Carla Rinaldi que nos diz:

Por trás do ato de escuta existe normalmente uma curiosidade, um desejo, uma dúvida, um interesse; há sempre alguma emoção. Escuta é emoção; é um ato originado por emoções e que estimula emoções. [...] Escuta, portanto, como metáfora para abertura e a sensibilidade de ouvir e ser ouvido com todos os nossos sentidos. (RINALDI, 2012, p. 124).

Pra seguir com as crianças e ouvir o que elas nos dizem é essencial observar e saber que elas têm sempre algo a dizer. Movidas por esta concepção, nós professoras do curso de Licenciatura em Artes Visuais e de Dança, autoras desse texto, demos início a um processo de encontro com as crianças.

Em vez de sermos desafiadas a dar respostas às recorrentes perguntas das crianças no convívio diário na escola, seus *porquês* e *comos*, nos colocamos numa situação inversa de papéis. Nós professoras é que tínhamos uma pergunta e desejávamos uma ou muitas respostas. Então, as crianças se tornaram nossas companheiras de caminhada na busca de significados.

Nossa escolha foi colocá-las no centro do processo em uma conversa importante com outras crianças e nós adultos, de modo a entender suas ideias e pontos de vista. Para isso o ateliê foi escolhido como espaço para pensar, interagir,

para se relacionar e para estabelecer relações. Escutar as crianças e seus modos de extrair sentido do mundo.

Territórios do sensível: e o que elas nos dizem?

Em um encontro que durou várias aulas foi construído junto com os alunos e a professora um processo de conversa e discussão sobre Arte. O que é Arte? Pra que serve a Arte? Quais são os tipos de arte? Afinal, Arte serve para alguma coisa? Estas foram as perguntas lançadas para o grupo de alunos entre 6 e 8 anos de idade. Eram muitas crianças.

A professora começa a sua aula trazendo algumas imagens e livros de artistas e os coloca nas mãos das crianças. Elas olham, discutem em pequenos grupos e deixam-se levar pelas imagens. São imagens de artistas contemporâneos que trabalham com materiais como galhos, folhas, flores, pedras, a terra, o barro e o vento. São artistas que se guiam pela terra, pela força da natureza para construir os seus trabalhos artísticos. Motivados por esse encontro, as crianças comentam:

É... ontem eu deitei na grama do lado da minha casa e fiquei olhando para o céu. Fiquei só olhando e pensando. Olhando e pensando até que chegou uma ideia de que o céu é uma pintura de nuvens. Isso eu pensei, o céu que é da natureza foi pintado pelas nuvens. (Comentário de criança no ateliê da escola pública, 2018).

Rapidamente outra criança que estava sentada ao seu lado completou e disse:

Quando eu subo em árvores no sítio do meu avó, e olho lá para baixo... vejo muitas folhas no chão. Muitas mesmo! Parece um tapete de folhas!!!!!! Então a Arte vem da natureza? Até agora não entendi. De onde vem a Arte? É tudo o que vejo e sinto e que está dentro de mim. (Comentário de criança no ateliê da escola pública, 2018).

O nosso papel era apenas olhar, observar, mas principalmente escutar. Escutar com todos os nossos sentidos e possibilidades. Não queríamos perder

nada. Todo gesto, movimento, observação, informação, olhares, pensamentos, os desenhos das crianças. Acolhíamos tudo, como um tesouro precioso. Estávamos diante de um grupo de crianças que nos surpreendia o tempo todo com as suas observações e narrativas. Elas seguiam sem parar:

A Arte também pode não servir para nada. Pois tem dias que eu olho e não vejo nada. Eu acho que ela não é de verdade. Não sei... mas quando eu ouço uma música que eu gosto muito, meu corpo não para de querer se mexer... Mas o que é Arte, então? É um pensamento. Um pensamento que começa na cabeça e vai descendo, descendo pelo braço até chegar na mão. Aí o pensamento sai pela mão, pelos pés, pela voz, pelo corpo todo e vira pintura, desenho, música e dança. É uma inspiração que acontece e que eu coloco para fora de mim. Acho que tudo isso faz parte da vida. E a vida faz parte de nós. E é assim com a Arte também. Ela não existe fora de nós. (Comentário de criança no ateliê da escola pública, 2018).

Pensamos que nos modificamos durante esse processo. Pois, à medida que fomos nos aproximando das conversas com uma escuta mais aprimorada, mais sensível e afinada, mais oportunidades tivemos para colher e abraçar o que elas nos diziam ou falavam.

Foram vários encontros e conversas sempre guiadas pela professora que foi aos poucos trazendo também imagens de artistas da dança, do teatro, da música e do audiovisual. Desta vez o vídeo foi utilizado como recurso. Uma nova escuta! Se a arte até então era conectada com os artistas que trabalham com objetos da natureza, agora era a vez do corpo, do movimento e do espaço, que foram entrando em cena e tomando conta dos pensamentos das crianças.

Edith Derdyk afirma que o corpo inteiro está presente na ação de desenhar, concentrando-se na pontinha do lápis, e a ponta do lápis funciona como uma ponte de comunicação entre o corpo e o papel. Para a autora, o signo gráfico:

é resultante de uma ação carregada de uma intencionalidade ainda não totalmente expressa. O olho, espectador dessa conversa entre mão, o gesto e o instrumento, percebe formas. O olho se associa à mão, o instrumento torna-

se a extensão do gesto corporal potente, materializando formas e imagens no campo do papel. A entidade gráfica é o resultado da ação corporal no espaço do papel, conversa silenciosa da interação olho/mão/gesto/instrumento. (DERDYK, 2003, p. 101).

A pergunta *“Para que serve Arte?”* foi respondida durante as aulas de arte nas turmas de crianças de 6 a 8 anos de idade, do primeiro ao terceiro ano do Ensino Fundamental. As crianças tinham a possibilidade de manifestarem-se de várias formas e jeitos. Algumas levantavam do lugar e moviam o seu corpo. Outras olhavam os livros e dialogavam a partir das imagens. Outras pediram papel para desenhar, isto é, para responder às perguntas apresentadas na primeira aula, de forma gráfica.

Em cada encontro, que durou algumas semanas, elas foram trazendo as suas questões e visões de mundo por meio do desenho, da composição, do ritmo, do movimento do corpo. O desafio era enorme. Para elas e para nós. Seguíamos atentamente os movimentos, os gestos, falas e comentários das crianças. A cada encontro, um novo desafio!

Talvez dizer-se não pelas palavras, mas pelo gesto gráfico, tenha sido o ponto central do encontro com as crianças. Elas produziram em papéis, usando a tinta nanquim e pinceis, desenhando linhas estreitas, curtas, compridas, longas, quebradas, bolas, bolinhas, pontos, pontinhos, manchas largas, redondas. Foi um processo de descoberta do manuseio do material.

Eram desenhos, formas muito diferentes que foram aparecendo em tons diversos da cor preta e o branco do papel. Ao final do processo de ateliê com as crianças, tínhamos um acervo de 240 desenhos de encher os nossos olhos. Ficamos totalmente afetadas pelos desenhos, pelas falas, pelo encontro, pelas crianças.

Crianças parceiras da experiência

Estava tudo ali. Os desenhos, as suas falas, as fotos. Caiu no nosso colo como uma pluma, um repertório estético repleto de palavras, metáforas, imagens e movimento. Foi no encontro com o modo inventivo, descobridor, investigador e

criativo das crianças que encontramos tecido, fios e linhas para a nossa pergunta desafiadora: *“Para que serve a Arte?”*

Conectadas com o processo de expressão que alimentou não só as crianças, mas a nós também, seguimos com o desejo de trazer as falas, os comentários e desenhos das crianças transformados em livro. Livro que foi organizado por nós e que traz na sua essência uma conversa entre as crianças sobre a arte. Os desenhos produzidos no decorrer dos encontros compõem a escrita do livro, como modo de dizer-se por escrito pelas imagens, pelas palavras.

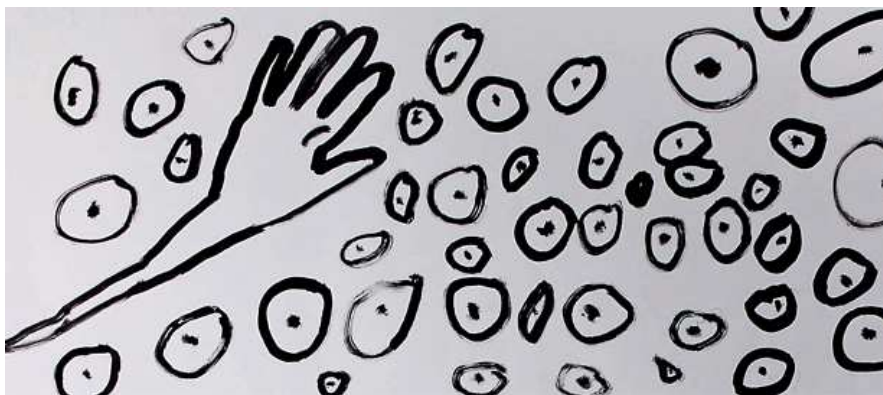
Na tentativa de desconstruir lógicas e verdades pedagógicas, pegamos emprestada a imaginação, os modos de dizer das crianças para poder trocar a razão pelas nuvens. Foi esse o nosso desafio!

Seguimos de mãos dadas com as crianças que fizeram nascer pelos seus desenhos e palavras o livro *“Para que serve a Arte?”*. E como diz uma criança na etapa do ateliê, *“quando a gente gosta muito de alguma coisa, a gente cria e recria”*.

Salve o encontro com as crianças, Ana Júlia, Beatriz, Daniel, Davi, Leandro, Eduardo, Gabriel, Giovanna, Guilherme, Gustavo, Heitor, Isabela, Jhulie, João Vitor, Julia, Laura, Maria Clara, Priscilla, Ricardo, Roger, Vitor e a professora Eliette Aleixo.



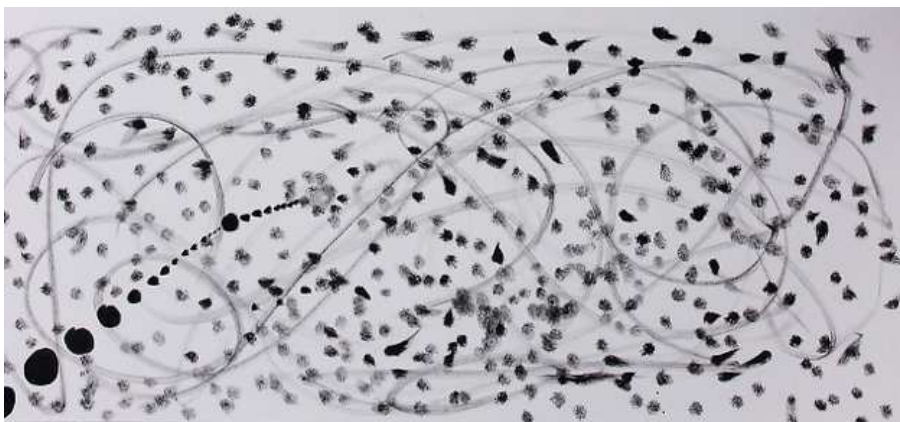
Fonte: Desenho do acervo das autoras, do ateliê da escola pública, 2018.



Fonte: Desenho do acervo das autoras, do ateliê da escola pública, 2018.



Fonte: Desenho do acervo das autoras, do ateliê da escola pública, 2018.



Fonte: Desenho do acervo das autoras, do ateliê da escola pública, 2018.



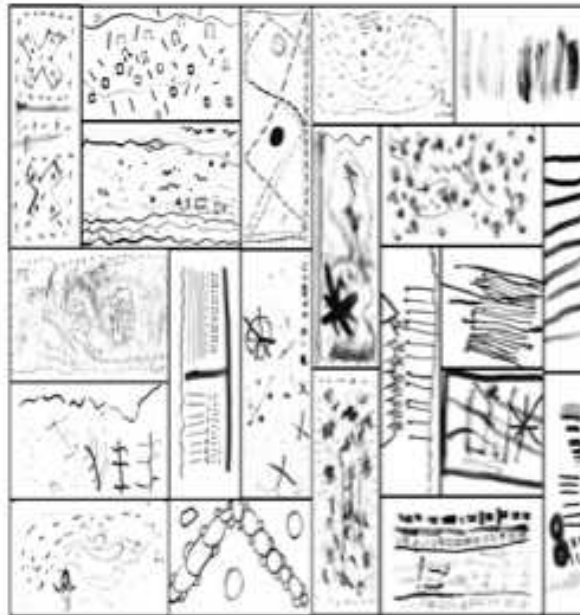
Fonte: Desenho do acervo das autoras, do ateliê da escola pública, 2018.



Fonte: Desenho do acervo das autoras, do ateliê da escola pública, 2018.



Fonte: Desenho do acervo das autoras, do ateliê da escola pública, 2018.



Fonte: Ilustração do livro *Para que serve a Arte?*
(PEREIRA, BERNARDES e ALEIXO, 2018, p. 25).

Referências

- BERNARDES, Rosvita Kolb; PEREIRA, Verônica Mendes. Processos criativos: o que temos a aprender com as crianças? In: **Revista Paidéia** (Pedagogia - FUMEC). Ano XII, n.18, 2017. Disponível em: <<http://www.fumec.br/revistas/paideia/article/view/5487/2758>>. Acesso em: 17, dez. 2018.
- CARERI, Francesco. Walskcape: o caminhar como prática estética. São Paulo: Editora G. Gil, 2013.
- DERDYK, Edith. **O desenho da figura humana**. São Paulo: Scipione, 2003.
- HOYUELOS, A. **La ética em el pensamiento y obra pedagógica de Loris Malaguzzi**. Barcelona: Octaedro, 2004.
- OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Educação infantil e arte: sentidos e práticas possíveis**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- PEREIRA, Ana Cristina C.; BERNARDES, Rosvita Kolb; ALEIXO, Eliette. **Para que serve a Arte?** Coleção Infantil Estraladabão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.
- RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender**. São Paulo: Paz e Terra, 2012.